

O POTENCIAL DAS RELAÇÕES ECONÔMICO- COMERCIAIS BRASIL- BOLÍVIA*

Francisco Carlos Soares Luz

Diplomata de carreira, embaixador, hoje ocupando a função de cônsul-geral do Brasil em Santa Cruz de la Sierra

Alisson Souza Gasparete

Diplomata, chefe do setor de promoção comercial do Consulado-Geral do Brasil em Santa Cruz de la Sierra

* As opiniões expressas no artigo são pessoais e não refletem necessariamente a posição do MRE.



ECONOMIA

A economia da Bolívia é a 94ª do mundo, com produto interno bruto (PIB) nominal de US\$ 46,8 bilhões, segundo dados do Fundo Monetário Internacional. Para se ter uma ordem de grandeza, está atrás das economias da Tunísia, Jordânia e Camarões, e à frente de Letônia, Bahrein e Paraguai. A taxa de crescimento do PIB para 2023 está prevista em 1,8% e a inflação, em 3%. Até antes da pandemia, a Bolívia era um dos países que mais crescia na região. Alguns números indicam que o PIB *per capita* multiplicou-se por cinco entre 2002 e 2022, passando de 732 para 3.691 dólares.

Com mais de doze milhões de habitantes, a Bolívia tem a oitava maior população da América do Sul, maior do que Paraguai, Uruguai, Guianas e Suriname. O PIB *per capita* está estimado em 3.858 dólares (2023), mas, se considerarmos a paridade do poder de compra da moeda, esse valor pode subir a pouco mais de 15 mil dólares, pois o custo de vida na Bolívia é relativamente inferior ao de outros países. Além disso, a taxa de desemprego na Bolívia é relativamente baixa, 4,9% da população economicamente ativa, em comparação, por exemplo, com o Brasil, cujo índice é de 7,6%, em 2023. Trata-se, portanto, de um mercado de proporções médias, com boas oportunidades de comércio e investimento.

A moeda circulante na Bolívia é o boliviano e o câmbio é fixo em 6,85 bolivianos para cada dólar norte-americano. A moeda estadunidense tem curso livre na Bolívia, sendo aceita no comércio, com exceção de compras miúdas em pequenos mercados informais. Conta corrente em dólar pode ser aberta em qualquer agência bancária do país.

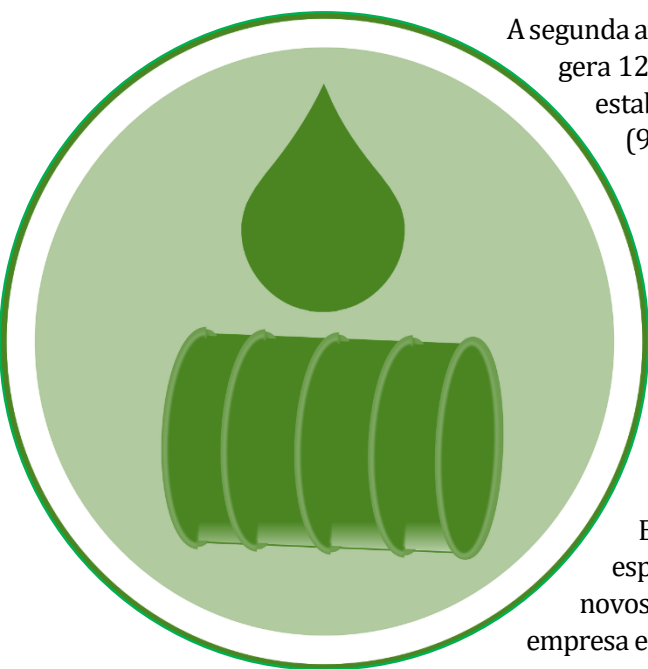
Parte significativa (até 1/3) do déficit fiscal do governo boliviano tem sido financiada pelo Banco Central, o que tem causado redução considerável das reservas internacionais, em especial a reserva de dólares, que caiu, em 12 meses (maio/22 a abril/23), de 1,4 bilhão para 300 milhões. Produtos importantes na Bolívia, como combustível e alimentos, têm preços controlados pelo governo nacional ainda que de maneira indireta, por meio de subsídios (combustíveis) ou de licenças à exportação (alimentos).

A produção nacional (PIB) segundo a atividade econômica mostra que a administração pública tem aumentado de tamanho e respondeu por 17,2% do PIB em 2022, em comparação com 12% em 2005. Como se diz por lá, “se se quer fazer negócio na Bolívia, é preciso conversar com o governo”. A anedota revela a importância da máquina estatal na economia.

A segunda atividade mais importante na economia local é a agropecuária, que gera 12,4% do PIB, seguida das indústrias manufatureiras (10,2%), dos estabelecimentos financeiros (9,8%), transporte e armazenamento (9,1%), comércio (7,3%), e extrativismo mineral (7,2%).

A extração de petróleo e gás natural também é importante na Bolívia, mas tem declinado nos últimos anos. Já representou 6,4% do PIB em 2005 e, em 2022, respondeu por 3,7%. O gás natural reveste-se de ulterior importância para a Bolívia, pois é o segundo item na pauta de exportação do país. Se novos poços não forem abertos em breve, a produção corre o risco de cair a ponto de não haver mais gás excedente para exportação já em 2028 – dizem alguns operadores do setor. O número de petrolíferas estrangeiras tem se reduzido na Bolívia, desde 2006.

E o futuro das empresas que permaneceram (além da Petrobras, a espanhola Repsol e a francesa Total) é hoje incerto. A abertura de novos poços economicamente viáveis depende grandemente da empresa estatal YPFB, que controla todo o setor.



Os investimentos estrangeiros diretos representam, de maneira geral, pequena parcela da economia boliviana, por conta, em grande medida, da opção do governo nacional de adotar uma política industrial de substituição de importações. Essa busca de autossuficiência da produção nacional impõe algumas dificuldades ao investidor estrangeiro, por exemplo, na importação de matérias-primas.

O saldo geral da política industrial deverá ser avaliado no futuro. O que pode ser dito, no momento, é que essa política somada ao padrão de câmbio fixo tem gerado fortes pressões na reserva internacional e gerado questionamentos quanto à possibilidade de desvalorização da moeda no futuro próximo. O mercado paralelo de câmbio já chegou a registrar *spread* de 9,5% sobre a taxa oficial, nos últimos 6 meses.

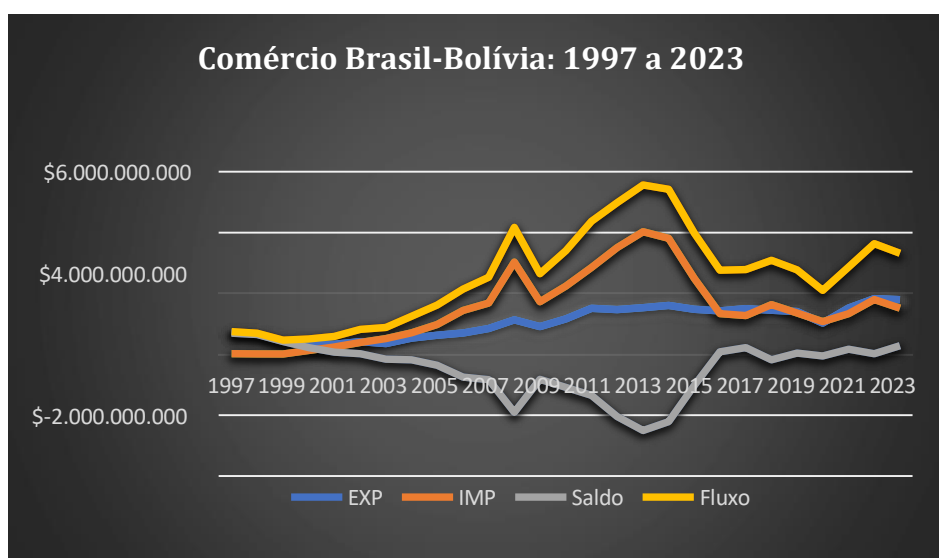
Outro setor fundamental na Bolívia é a agropecuária. Grandes avanços têm sido logrados nessa seara e o departamento de Santa Cruz é a grande referência, registrando até 76% do alimento produzido no país, com um grande excedente exportável de grãos. O departamento do Beni constitui também importante pólo criador de gado. O Oriente boliviano possui solo fértil e geografia propícia à atividade agropecuária, além de se beneficiar da proximidade com o Brasil, que é referência mundial no setor.

Cabe registrar que o *boom* agropecuário na Bolívia deve-se, em boa medida, ao intercâmbio de conhecimento proporcionado pelos milhares de brasileiros que emigraram para o Oriente boliviano, em especial no departamento de Santa Cruz. A contribuição desses brasileiros é publicamente reconhecida e muitos deles são atualmente importantes produtores em solo boliviano.

Por fim, olhando do ponto de vista da economia política, a entrada plena da Bolívia no Mercosul tem o potencial de facilitar os negócios intra-bloco, com consequente aumento no fluxo comercial com os países vizinhos. Esse processo está sendo finalizado no atual momento e poderá, em breve, gerar importantes frutos.

COMÉRCIO BILATERAL

O fluxo comercial entre Brasil e Bolívia tem sido significativo para nós. Da análise das estatísticas de exportação brasileira para este país nos últimos 25 anos, pode-se depreender que, com poucas exceções, nossas vendas para o mercado vizinho têm crescido de maneira gradual e consistente (vide gráfico).



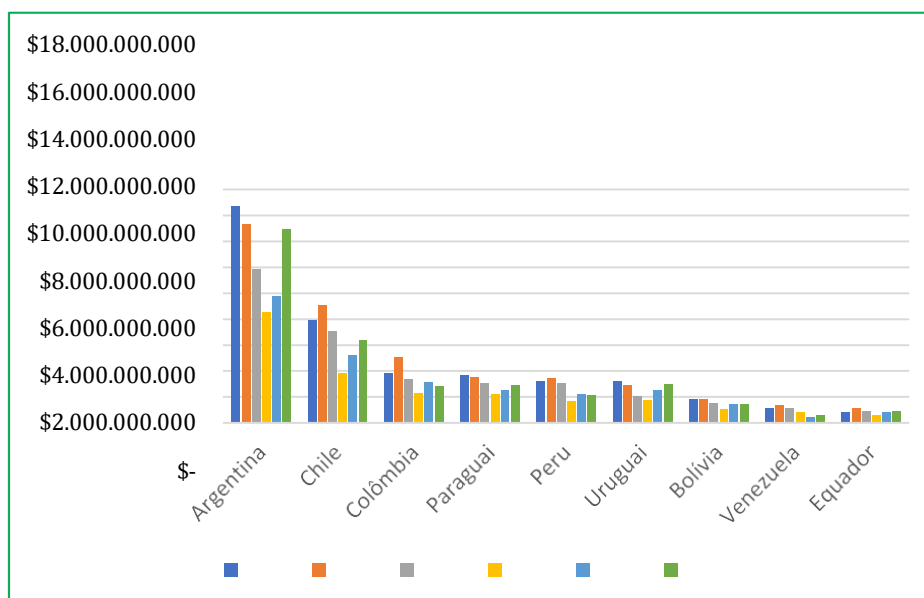
A exportação brasileira para a Bolívia concentra-se no departamento de Santa Cruz. Mais de 90% do montante passa por esse departamento, ingressando pela fronteira terrestre de Corumbá (MS) –

Puerto Quijarro (Bolívia). As demais vias de acesso ao mercado boliviano respondem por um percentual muito pequeno e não somam 10% do total; são elas a via aérea, a fronteira Argentina (Pocitos) – Bolívia (Yacuiba), e a fronteira Chile (Arica) – Bolívia (Tambo Quemado).

Com o crescente interesse dos estados de Goiás, Mato Grosso e Rondônia pelo mercado boliviano (e andino também), é possível que futuramente o comércio bilateral aumente e se intensifique, com a abertura de novas rotas de logística, com a inclusão de novos atores e produtos. A construção da ponte sobre o rio Mamoré, entre os municípios de Guayaramerin (Bolívia) e Guajará-Mirim (Rondônia) deverá ocorrer proximamente e poderá impulsionar o comércio bilateral da região Norte brasileira com o país vizinho.

No grupo das nove principais economias da América do Sul, as exportações brasileiras para a Bolívia ocupam a sétima posição, ao passo que as importações provenientes da Bolívia ora estão em sexto ora em sétimo lugar, rivalizando com o Peru (vide gráfico abaixo).

**Comércio Brasil - Países da América do Sul:
Exportações brasileiras de 2018 a 2023 (set) - Valores em USD**



Em se tratando de comércio global, nos últimos anos, os três principais parceiros comerciais da Bolívia têm sido o Brasil, a China e a Índia. O principal destino das exportações bolivianas tem sido a Índia, seguido por Brasil, Argentina, Colômbia e China, nessa ordem. Por sua vez, a Bolívia tem importado, em primeiro lugar da China, em segundo do Brasil, seguidos por Argentina, Chile e Estados Unidos. Em 2022, o Brasil exportou para a Bolívia quase dois bilhões de dólares, atrás da China que exportou aproximadamente US\$ 2,5 bilhões, e à frente de Argentina com US\$ 1,6 bi, Chile com US\$ 1,4 bi, e Estados Unidos com US\$ 1,1 bilhões. As exportações brasileiras somaram 15% do valor importado pela Bolívia em 2022, segundo dados do “Instituto Nacional de Estadística” e do “Instituto Boliviano de Comércio Exterior”, enquanto a fatia chinesa alcançou 19% e a argentina, 12%.

Contudo, há ainda um grande espaço para o crescimento do comércio entre os dois países, pois julgamos que ele está muito aquém de seu potencial. Nossa pauta de exportações brasileiras para a Bolívia é extremamente diversificada (vide tabela abaixo) e com grande participação de produtos de alto valor agregado. Exportamos ao país vizinho tudo ou quase tudo que produzimos em território nacional: barras de ferro e aço, preparações alimentícias, automóveis para transporte de pessoas ou

de mercadorias, óleos de petróleo ou minerais, tratores, papel e cartão, fios, cabos, condutores, polímeros, pastas químicas de madeira, niveladoras, pás mecânicas, escavadoras, compressores, autopropulsores, inseticidas, máquinas e aparelhos de uso agrícola, cerveja, calçados, transformadores elétricos, bobinas, todos os tipos de material de construção, painéis de partículas, tubulação, etc.

Comércio Brasil-Bolívia
Nível de diversificação das exportações brasileiras à Bolívia em 2023

Valor das Exportações por posição SH4	Quantidade	% das Exportações Totais
Total de posições SH4	852	100,00%
Total de posições com X> \$50M	5	20,51%
Total de posições com X> \$20M	17	40,25%
Total de posições com X > \$10M	41	58,38%
Total de posições com X> \$5M	87	76,04%
Total de posições com X> \$1M	225	94,38%

Por outro lado, as importações oriundas da Bolívia são bastante concentradas. Como reflexo da pouca diversificação da economia vizinha, sua pauta de exportação para o Brasil concentra-se basicamente no gás natural, que é responsável sozinho por cerca de 88% das exportações bolivianas ao Brasil. Gás natural, uréia, boratos, GLP e cloreto de potássio somam 99,4% dessas exportações.

Tendo em vista o que foi dito anteriormente a respeito da queda na produção do gás na Bolívia, é possível que a balança comercial fique exageradamente superavitária para o Brasil, gerando dificuldades para o país vizinho honrar seus compromissos internacionais. Em outras palavras, mais pressão poderá ocorrer sobre as reservas em dólares do Banco Central boliviano, caso a Bolívia não consiga sustentar a produção de gás ou de gerar divisas com a exportação de lítio e de fertilizantes.

CASOS DE SUCESSO

Apesar de o comércio bilateral estar aquém de seu potencial, as histórias de sucesso de empresários brasileiros no país vizinho são muitas. Desde os agricultores e pecuaristas que chegaram ao departamento de Santa Cruz há décadas até industriais que decidiram internacionalizar seus negócios e hoje operam em distintos setores.

No setor agrícola, alguns brasileiros decidiram se mudar para a Bolívia em busca de terra barata, há aproximadamente 35 anos. Encontraram em Santa Cruz, além do preço baixo das propriedades rurais, terras planas e férteis. Hoje em dia, dedicam-se às mais variadas culturas, mas com grande concentração na produção de soja e milho.

A feira Vidas, por exemplo, foi criada por brasileiros que sentiram falta, naquele momento, de sementes de qualidade no mercado local. Hoje em sua 19ª edição, o evento passou a ser anual, normalmente no mês de outubro, e já é considerado a melhor feira do setor agrícola no país, com aproximadamente 350 estandes de expositores.





Empresas brasileiras de grande porte, que produzem maquinários leves e pesados para o agronegócio e que visitam a feira todos os anos com estande próprio, são unânimes em atestar a importância do mercado boliviano para seus negócios. Para algumas dessas marcas, a Bolívia representa o segundo mercado mais relevante, só atrás do Paraguai. Há ainda o caso de uma dessas empresas que tem a Bolívia como seu quarto maior mercado em nível mundial.

Ainda que a insegurança jurídica possa afetar negativamente o ambiente de negócios na Bolívia, o país oferece oportunidades ao empresário que se disponha a navegar em águas incertas. Se a burocracia é grande neste país por um lado, por outro a Bolívia demonstra grande proximidade cultural com o Brasil, o que naturalmente influencia no gosto do consumidor. O produto brasileiro é muito apreciado pelo povo boliviano de maneira geral e goza da boa reputação por sua qualidade. Se o produtor brasileiro for minimamente competitivo no preço, as chances de sucesso sobre a concorrência, seja ela chinesa, argentina ou peruana, são grandes. Esse contexto pode significar considerável economia de recursos em marketing e propaganda. Tal estado de coisas é facilmente constatável já que contrabandistas, falsificadores ou concorrentes desleais, com frequência, fazem propaganda de sua mercadoria, divulgando ser brasileira, de modo a atrair o consumidor local.

Outro caso de sucesso ocorre no segmento de bebidas, em que multinacional brasileira decidiu adentrar o mercado boliviano em 2002. Por meio de aquisição de **cervejarias locais**, a empresa tem-se consolidado no mercado, agregando marcas à sua carteira de cervejas e refrigerantes. Hoje, trata-se da maior empresa privada da Bolívia no quesito “pagamento de impostos”.

No **setor de cimento**, temos um caso de empresa brasileira que se juntou a sócios bolivianos e espanhóis em 1997. A empresa internacional tem sua usina no departamento de Santa Cruz e atualmente estuda ampliar sua carteira de produtos, com projeto no setor de fertilizantes, ora em fase final de implementação, buscando suprir o mercado local, mas de olho também no mercado brasileiro.

Entretanto, é o setor de **utensílios de cozinha** e ferramentas industriais que registra o que consideramos como o maior caso de sucesso de internacionalização de empresa brasileira no mercado boliviano. Marca brasileira, que está presente em dezenas de países, incluindo mercados ricos, opera na Bolívia há mais de 40 anos, por meio de *joint-venture* com um forte grupo empresarial local. Hoje, são líderes de mercado, em diversos itens, e possuem em Santa Cruz de la Sierra a maior loja-conceito da empresa fora do Brasil. Segundo nos confirmou um de seus diretores, a Bolívia garante à marca brasileira o maior consumo *per capita* de seus produtos em todo o mundo.



O produto brasileiro é muito apreciado pelo povo boliviano de maneira geral e goza da boa reputação por sua qualidade. Se o produtor brasileiro for minimamente competitivo no preço, as chances de sucesso sobre a concorrência, seja ela chinesa, argentina ou peruana, são grandes

PERSPECTIVAS E DESAFIOS

O setor de promoção comercial do Consulado-Geral do Brasil em Santa Cruz de la Sierra tem trabalhado, desde sua abertura em 2019, para encorajar os empresários brasileiros a empreenderem na Bolívia, seja por meio da exportação, da criação de um centro de distribuição ou até mesmo da instalação de plantas produtivas. Há oportunidades em distintos setores e para empresas de todo tamanho, seja de pequeno, médio ou grande porte.

O Fórum Empresarial Brasil-Bolívia, organizado pelo Consulado-Geral do Brasil em Santa Cruz de la Sierra, em setembro de 2023, reuniu mais de cem pessoas, entre empresários, autoridades e acadêmicos, interessadas no intercâmbio entre os dois países. A constatação do potencial enorme do comércio bilateral foi unânime entre os participantes e, deste evento, algumas lições puderam ser extraídas.

A escolha de um sócio local, de preferência boliviano, parece ser formato interessante para aqueles que se queiram aventurar no mercado do país vizinho, pela primeira vez. Muitos estrangeiros que já trilharam esse caminho relatam que essa escolha pode garantir “pouso suave” em terreno desconhecido. Isso vai na linha do que já foi dito aqui anteriormente sobre o excesso de burocracia na Bolívia.

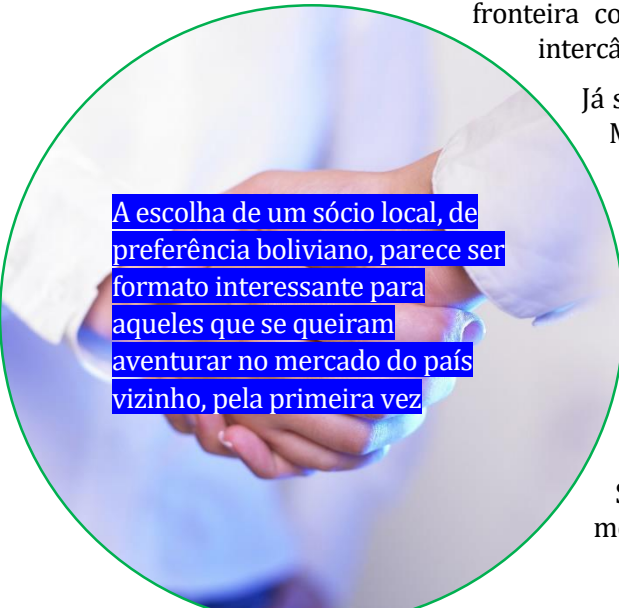
Há também o risco, que não deve ser desconsiderado por investidores estrangeiros, de que funcionários bolivianos copiem o modelo de negócio e criem sua própria empresa, em concorrência direta e desleal com o empresário brasileiro. A escolha de um sócio local, ainda que seja brasileiro radicado há bastante tempo na Bolívia, tende a neutralizar, ou pelo menos reduzir em boa medida, tal risco.

Outro desafio que diz respeito aos dois países conjuntamente, mais especificamente a seus governos, tem a ver com facilitação de comércio. Avanços foram feitos no passado, mas é sabido que muito se pode aprimorar, em particular, no que se refere às instalações e aos procedimentos aduaneiros nos dois lados da fronteira, quer em Corumbá, quer em Puerto Quijarro, para ficar somente na fronteira principal. A presença de funcionários com autonomia decisória, 24 horas por dia, 7 dias por semana, deve agilizar os prazos, evitar perecimento de carga e, portanto, reduzir o custo das mercadorias transportadas, com impacto positivo no preço final do produto.

Em que pese a infraestrutura logística na Bolívia ser deficitária, a estrada entre Corumbá e a cidade de Santa Cruz de la Sierra é asfaltada e de boa qualidade. A cidade boliviana tem atividade produtiva intensa para os padrões locais e concentra os melhores indicadores econômicos do país. Além disso, o fato de fazer fronteira com o estado de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso facilita o intercâmbio comercial.

Já se falou acima do câmbio fixo que vigora na Bolívia desde 2011. Muitos operadores do setor privado aprovam esse tipo de taxa, que garante previsibilidade de maneira geral. Não se trata de simplesmente saber quanto se vai receber após uma venda, e sim de melhor previsão a respeito do negócio como um todo, pois, ao decidir exportar ou internacionalizar a produção, o produtor assume compromissos e gastos de longo prazo (sobretudo no caso da internacionalização), que são melhor calculados em um regime de câmbio fixo.

Um tema relevante para o comércio exterior da Bolívia diz respeito ao acesso a mercados. A Câmara de Exportadores de Santa Cruz (CADEX) tem se queixado da dificuldade de acessar o mercado brasileiro. Segundo seu presidente, Oswaldo Barriga, dos



A escolha de um sócio local, de preferência boliviano, parece ser formato interessante para aqueles que se queiram aventurar no mercado do país vizinho, pela primeira vez

250 produtos bolivianos de origem vegetal com excedente exportável, somente 21 estão habilitados no Brasil. Essa é uma questão importante para o futuro da balança comercial do país vizinho e deverá ser negociada bilateralmente, ou mesmo no âmbito, do Mercosul. Do nosso lado, as perspectivas de incremento do comércio bilateral não estão isentas de desafios, sendo o principal deles a política de substituição de importações que vem sendo impleatada pelo governo do presidente Luís Arce. A criação, por exemplo, da siderúrgica de Mutum, a somente 12 quilômetros da fronteira com Corumbá – MS, projeto que deve ser concluído em 2024, deverá gerar concorrência aos produtos de ferro e aço brasileiros, um dos principais itens de nossa pauta exportação à Bolívia.

Os empresários brasileiros que queiram desbravar o mercado local podem começar a fazê-lo por meio de participação em feiras. Na cidade de Santa Cruz de la Sierra, o motor econômico do país, ocorrem feiras setoriais variadas e também a colossal feira multisetorial **Expocruz**. Aquele evento pode ser uma excelente porta de entrada para o mercado boliviano, caso o exportador brasileiro esteja iniciando sua caminhada no país vizinho. A feira é organizada pela Fexpocruz, entidade privada sem fins lucrativos, e ocorre todos os anos em meados de setembro.

Outra via de acesso de empresas brasileiras ao mercado boliviano é por intermédio de contratos de franquia ou de licenciamento. A boa reputação das marcas brasileiras no país vizinho e o grande número de brasileiros residentes no departamento de Santa Cruz constituem excelente oportunidade para se expandir as vendas. Já existem, na Bolívia, franquias ou lojas licenciadas de muitas marcas brasileiras de vestuário, calçados, cosméticos, móveis, alimentos, entre outras. Esse nicho deverá ser mais explorado em breve, em evento sobre franqueamento, que o consulado do Brasil em Santa Cruz pretende organizar em 2024.

Olhar a economia dos dois países sob a ótica da complementariedade também nos oferece uma visão positiva. No setor de energia, apesar dos desafios mencionados anteriormente, a Bolívia tem ofertado, ao longo dos 13 anos de operação do gasoduto, gás natural em quantidade e preço competitivos. São mais de 2.500 quilômetros de gasoduto em território brasileiro que beneficiam indústrias em vários estados do Centro-Oeste, Sudeste e Sul, que teriam dificuldade para encontrar fonte energética alternativa em termos competitivos.

Essa complementariedade também é visível no setor agropecuário, com a Bolívia nos fornecendo fertilizantes e adquirindo no Brasil máquinas e implementos agrícolas, ração animal, e matrizes bovinas e aves vivas, além de tecnologia e boas práticas rurais. Uma análise mais atenta das estatísticas comerciais parece indicar que há uma tendência de ocupação de

A boa reputação das marcas brasileiras no país vizinho e o grande número de brasileiros residentes no departamento de Santa Cruz constituem excelente oportunidade para se expandir as vendas



Os empresários brasileiros que queiram desbravar o mercado local podem começar a fazê-lo por meio de participação em feiras



mercados pelos exportadores dos dois países em casos de escassez de insumos como milho para alimentação de aves na Bolívia e de óleo de soja e girassol no Brasil. Em suma, esse setor vem absorvendo, nos últimos anos, mais de US\$ 250 milhões de produtos brasileiros anualmente, demonstrando grande dinamismo e tendência de crescimento nos próximos anos.

Na Bolívia, têm sido feitas descobertas de importantes jazidas de lítio. O país detém hoje a maior reserva comprovada do metal alcalino no mundo, matéria-prima essencial para a indústria da energia solar e veículos elétricos. As reservas de Uyuni, Potosí e Coipasa somam 23 milhões de toneladas, que começaram a ser exploradas pela empresa estatal YLB (Yacimientos de Litio Bolivianos), em consórcio com duas empresas chinesas e uma russa. Para o Brasil, a extração do metal pode significar matéria-prima a preços competitivos para a nossa indústria de baterias, automóveis elétricos, celulares e outros produtos eletrônicos.

Por fim, cabe registrar que nossas exportações para a Bolívia cresceram exponencialmente após a pandemia: 2022 registrou recorde histórico de US\$ 1,83 bilhão, cerca de 14% acima do recorde anterior (2014). Dados recentemente divulgados pelo MDIC, indicam que, no ano passado, nossas exportações para o país vizinho apresentaram um pequeno recuo, alcançando US\$ 1,79 bilhão. **Com relação a 2020, as exportações cresceram quase 80% em somente dois anos.**

Segundo vários empresários com quem conversamos, um dos fatores que mais contribuíram para esse resultado foi a manutenção de nossa logística de exportações para este país, que levou ao deslocamento de produtos asiáticos e de outros países latino-americanos, que tiveram suas cadeias de logística seriamente afetadas pela pandemia. Essa segurança no fornecimento em tempos de crise, aliada à proximidade geográfica, que encurta os prazos de entrega dos produtos, são fatores que ajudam a manter nossas exportações em patamares elevados.

Do empresariado e das autoridades locais, sempre ouvimos que, como temos a maior fronteira comum (3.423,2 km), eles desejariam que, idealmente, nosso relacionamento econômico-comercial possa emular o do México com os Estados Unidos (3.141 km de fronteira), com a integração de suas cadeias produtivas. Quem sabe se, com a iminente entrada plena da Bolívia no Mercosul e com um cenário internacional mais favorável a investimentos estrangeiros na América Latina, esse desejo possa ser alcançado em um futuro não muito distante.

EXPEDIENTE

Publicado pela Funcex – Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior

CNPJ: 42.580.266/0001-09

Endereço: Av. General Justo, 171, 8º andar, Centro, Rio de Janeiro, RJ.

Telefones: (21) 9 8111-1760 e (21) 2509-7000

Site: www.funcex.org.br

E-mail: publicacoes@funcex.org.br

A divulgação desse estudo somente é possível pelo apoio das seguintes empresas associadas à Funcex:

Instituidores: Afrinvest Global, Banco Central do Brasil, Banco do Brasil S.A., Banco do Nordeste do Brasil S.A., Banco Itaú-Unibanco S.A., Banco Santander (Brasil) S.A., BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, Caixa Econômica Federal, Delos Global Resources LLC, IRB-Brasil Resseguros S.A., Petrobrás Petróleo Brasileiro S.A., Sociedade Nacional de Agricultura – SNA, Vale.

Mantenedores: Abimaq - Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos, ApexBrasil - Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, Banco Bradesco S.A., CIERGS - Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul, Cisa Trading S.A., CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, CNI - Confederação Nacional da Indústria, Fecomércio/RJ, FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, FIRJAN - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, Fundação Educacional Severino Sombra, Grupo Multiplica, HapVida Assistência Médica, Huawei do Brasil Telecomunicações, LCA Consultores Ltda., Muzika Publicidade.

É autorizada a transmissão do conteúdo disponibilizado neste informativo, sendo obrigatória a citação da fonte.